

As dimensões políticas e ontológicas das cartografias e a figuração de um mundo possível

The political and ontological dimensions of cartography and the figuration of a possible world

Las dimensiones políticas y ontológicas de la cartografía y la figuración de un mundo posible

Ruy Sardinha Lopes

Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil

RESUMO

Resenha do livro *Cartografias críticas: ensaios tecnopolíticos e geopoéticos*, de autoria de David Sperling. Resultado de sua tese de Livre-Docência, defendida em 2023, junto ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde leciona, o livro parte da hipótese da existência de um campo ampliado da cartografia para propor ao leitor uma reflexão sobre as práticas do cartografar e os dispositivos aí engendrados. Ao destacar as dimensões tecnopolíticas e geopoéticas das práticas cartográficas, além de seus vínculos com as relações de saber-poder em curso, a obra põe em xeque a hegemonia dos regimes de visibilidade dominantes e reivindica a atenção para um conjunto, heterogêneo, de práticas críticas e dissidentes como figurações, imaginativas, de novas territorialidades.

Palavras-chave: cartografia, tecnopolítica, geopoética, mapeamento cognitivo

ABSTRACT

Review of the book *Critical Cartographies: Technopolitical and Geopoetic Essays*, authored by David Sperling. The result of his habilitation thesis, defended in 2023 at the Institute of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, where he teaches, the book starts from the hypothesis of the existence of an expanded field of cartography in order to propose to the reader a reflection on cartographic practices and the diapositives they engender. By highlighting the technopolitical and geopoetic dimensions of cartographic practices and their links with ongoing power-knowledge, the book calls into question the hegemony of dominant regimes of visibility and calls attention to a heterogeneous set of critical and dissident practices as imaginative figurations of new territorialities.

Keywords: cartography, technopolitics, geopoetics, cognitive mapping

RESUMEN

Reseña del libro *Cartografías críticas: ensayos tecnopolíticos y geopoéticos*, de David Sperling. Fruto de su tesis de habilitación, defendida en 2023 en el Instituto de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo, donde imparte clases, el libro parte de la hipótesis de la existencia de un campo ampliado de la cartografía para proponer al lector una reflexión sobre las prácticas cartográficas y los dispositivos que estas engendran. Al destacar las dimensiones tecnopolíticas y geopoéticas de las prácticas cartográficas, y sus vínculos con las relaciones de saber-poder en curso, la obra pone en jaque la hegemonía de los regímenes de visibilidad dominantes y reclama la atención hacia un conjunto heterogéneo de prácticas críticas y disidentes como figuraciones imaginativas de nuevas territorialidades.

Palabras-clave: cartografía, tecnopolítica, geopoética, mapeo cognitivo

Ruy Sardinha Lopes é bacharel, mestre e doutor em Filosofia. Professor do curso de graduação e de pós-graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). É coordenador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-USP) e do Grupo de Pesquisa Arte Ciência Tecnologia do Instituto de Estudos Avançados da USP (ACT>IEA-USP). Foi pesquisador do Programa ano sabático 2024 do IEA-USP e presidente da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação (SOCICOM).

<https://orcid.org/0000-0002-0469-0729> | rsard@sc.usp.br

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> © 2026 Ruy Sardinha Lopes

O livro *Cartografias críticas: ensaios tecnopolíticos e geopoéticos*, de autoria do professor e pesquisador do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo David Sperling, pode ser lido como um convite ao descentramento, ao risco do pensar as/ pelas margens. Aqui re(a)presentação não é a mera reprodução, no âmbito das ideias, da realidade sensível ou das legalidades que a rege, mas a produção de outros campos de possibilidades, por vezes consoantes, por vezes dissonantes. Como afirmado já no título da obra, as dimensões *poiética* (poíesis) e política, assim como as tecnológicas e espaciais, entremeiam-se, ao menos potencialmente, no gesto cartográfico. Desatar os nós que formam tal tecitura não é tarefa fácil ou ligeira, requisitando do leitor atenção e acuidade. A presente resenha não objetiva, pois, esboçar uma espécie de quadro geral ou retrato 3x4 da ordem das argumentações presente no livro, mas tão somente evidenciar um ou outro fio da meada ali presente.

Se, como sugere Sperling, cartografar se tornou palavra de recurso fácil, associada aos mais diversos referentes e interesses, um olhar atento e reflexivo para as “aventuras do signo” (Jameson, 1984), para aquilo que Sperling denomina uma *cartografia das cartografias*, é imprescindível e constitui a maior contribuição deste livro. Ao historicizar as diversas concepções, procedimentos e instrumentos cartográficos, não se busca uma unificação ou identidade nem mesmo a eleição de um modelo mais adequado ou aderente à complexidade da realidade referida, mas a crítica, imanente, dos regimes que a tornaram possíveis. Nas palavras do autor: “colocar as formas de fazer e os conteúdos dos mapas em disputa, desvelando relações de poder, ideologias e determinações históricas, problematizando seus códigos e seus referentes” (Sperling, 2025, p. 22).

Os ensaios que compõem o livro não se estruturam a partir de um fio condutor, cronológico ou genealógico. Inspirados pelo “método” warburgiano e seu *Atlas Mnemosyne*, uma das referências do autor, convidam o leitor a outra forma de reflexão, menos lógica e dedutiva, mais constelar e imaginativa. Nesse sentido, merece

destaque o conjunto de imagens que compõe a obra. Não se trata, aqui, de “ilustrar” ou expressar as abstrações do pensamento na ordem do sensível, de pôr a arte a serviço de outras formas do entendimento, mas do exercício do *pensamento por imagens*, a partir dos regimes e legalidades que lhes são próprios e do pensamento *entre* imagens e conceitos, dos seus (des)encontros.

Deriva da atenção às transversalidades e ao pôr em relação não apenas o deslocamento de uma concepção reificada de cartografia em prol de seu caráter processual, bem trabalhado no segundo ensaio, *mapeamentos cognitivos e cartografias de processos*, mas também a afirmação de sua dimensão crítica e política. Como aponta Sperling, a partir de Barros; Kastrup (2009):

[...] a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos; na cartografia, processo não significa processamento – próprio das coletas e análises do meio informacional –, mas processualidade (presente em todas as etapas da pesquisa, as quais não se sucedem, uma depois da outra, após a completude da precedente, mas se entrelaçam); seu objeto é sempre um objeto-processo [...]. (Sperling, 2025, p. 60)

Sob as lentes de Deleuze e também de Agamben, o conceito foucaultiano de *dispositivo* ganha centralidade. Ainda que, o alerta é de Agamben (2009, p. 22), dispositivo e artefato não se confundam, sendo o primeiro “um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados” (Foucault *apud* Agamben, idem, p. 25), importa ao autor sua função estratégica de inscrever-se em uma relação de poder, ou, em termos mais próximos ao universo foucaultiano, uma relação de saber-poder. Afirmar a dimensão tecnopolítica dos artefatos tecnológicos, entre eles as cartografias críticas, é, portanto, explicitar os modos concretos como tais dispositivos constituem, são constituídos e tensionam tais relações¹. Nas palavras de Sperling:

1 Como observa Sperling (2025, p.98), tal ação recai não apenas sobre seus conteúdos, mas também sobre os próprios processos de mapeamento – “quem, como, o que, para quê, para quem, por que se cartografa? – um conjunto de instâncias implicadas nesses processos também passa a ganhar visibilidade e poder ser colocado em questão.”

A prática da cartografia crítica significa nesses casos, portanto, interatuar com dispositivos tecnopolíticos para visibilização de processos socioespaciais emergentes e conformações de espacialidades (intersubjetivas, urbanas, econômicas e culturais) não consideradas ou tornadas invisíveis pelas lógicas consensuais – entendendo-se que sem sua intervenção não seriam visíveis –, e, dessa forma impactar o debate público sobre as questões visibilizadas”. (Sperling, 2025 p. 97)

Embora essa operação de desvelamento seja essencial, pode resultar insuficiente se não associada a uma práxis de transformação social. O que nos leva à questão da figuração dos futuros possíveis e do papel destes artefatos ou processos diante de uma positividade cada vez mais coercitiva e totalitária. É aqui onde, ao menos como hipótese, o arcabouço foucaultiano encontra seus limites internos. Como bem observou Agamben em sua análise do dispositivo foucaultiano, se coube a Hegel refletir sobre a dialética entre liberdade e coerção, concretizada na relação entre os indivíduos como seres vivos e o elemento histórico,

O objetivo último de Foucault não é, porém, como em Hegel, aquele de reconciliar os dois elementos. E nem mesmo o de enfatizar o conflito entre esses. Trata-se para ele, antes, de investigar os modos concretos em que as positividades (ou os dispositivos) agem nas relações, nos mecanismos e nos “jogos de poder”. (Agamben, 2009, p. 29)

Um autor acionado por Sperling que pode nos auxiliar a melhor pensar essa questão é Fredric Jameson. Das obras referidas no livro – *Cognitive Mapping* (1988), *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism* (1991) e *The geopolitical aesthetic: cinema and space in the world system* (1992) –, Jameson elabora a tese de que aos três estágios históricos do capitalismo – concorrencial, monopolista e tardio – correspondem espacialidades e formas de figuração específicas. Segundo Jameson, a cada estágio aumenta a dificuldade dos indivíduos em, a partir de sua experiência e

do aparato perceptivo imediatos, apreender “a verdadeira forma econômica e social que governa aquela experiência (Jameson, 1988, p. 349), donde a importância do “jogo da figuração”, isto é, da “representação imaginária da relação do sujeito com suas condições reais de existência” (Althusser *apud* Jameson, 1988, p. 353).

Diante de uma realidade caracterizada pelo novo salto quântico no qual o capital se assenhorou de quase todas as esferas da vida, além de um excesso de fragmentação que hiperboliza o processo de declínio da experiência, descrito por Benjamin já na fase monopolista, duas consequências, antagônicas e politicamente endereçadas, se justapõem e podem também ser observadas nas aventuras do conceito [cartografia] descritas por Sperling. A aderência ao movimento das aparências, que pontifica a autonomia e independência dos micro saberes-poder, e aquela outra, defendida por Jameson, que mesmo diante do incomensurável e irrepresentável se coloca o desafio de pensar o “conjunto de inter-relações numa sociedade complicada” (Jameson, 1988, p.356), o que Jameson denomina *mapeamento cognitivo*.

A figuração dessas inter-relações, capaz de situar os indivíduos diante da totalidade que os ultrapassa, tarefa a ser cumprida por uma estética do mapeamento cognitivo enunciada na palestra proferida em 1987 [1988], não podia ser prevista, sequer imaginada, como bem alertou Jameson à sua audiência. Embora Jameson não forneça um método ou modelo de tal estética, ao reivindicar a atualidade de usos primevos da obra de arte – “educar, emocionar e deleitar” (Jameson, 1988, p. 347) –, enfatizando a necessidade política de se constituir figurações dessas realidades irrepresentáveis, mesmo que distorcidas e incompletas, Jameson “parece de fato ter feito um chamamento a práticas de invenção crítica, a experimentações estéticas e políticas endereçadas a pensar e propor diante das lógicas sempre novas de produção do capital e da subjetividade a este vinculadas” (Sperling, 2025. p. 76).

Se, como afirma Jameson (1988, p. 350), cabe ao crítico literário traçar e tornar conceitualmente disponíveis as realidades

desenhadas por essas figuras, o livro aqui resenhado se presta muito bem a esse esforço. Entre as diversas experiências mapeadas, merecem destaque as geotópicas (Jameson, 1992 *apud* Sperling, 2025, p. 110), sobretudo as artísticas, capazes de não apenas instituir novas formas de inscrição dos agentes – humanos e não humanos – em uma realidade que, como vimos, ainda não está plenamente configurada, mas também induzir, ainda que especulativamente, a descompartmentalização das disciplinas, abrindo espaços para novos regimes de verdade e formas de sentir. Se essa forma de ver-sentir-conhecer veio se constituindo ao longo dos ensaios que compõem o livro, em uma relação dialógica entre imagem e conceitos, a forma como o autor respeita suas legalidades e explicita suas tramas na última parte do livro é digna de nota.

Em sua análise certa dessa fala seminal de Jameson, Sperling destaca outro aspecto pouco desenvolvido por seus analistas. O fato de ser a estética do mapeamento cognitivo uma “cultura política pedagógica” que, mais do que “fazer ver”,

busca dotar um sujeito individual de um senso ampliado de seu lugar social e espacial no sistema global; é uma arte política que, diante da dicotomia entre Real e Imaginário, pela via do Simbólico e da invenção de formas radicalmente novas atua fazendo face ao seu objeto fundamental, o “espaço mundial do capitalismo multinacional”. (Jameson, 1984, p. 92 *apud* Sperling, 2025, p. 75)

Tal reivindicação, que toma a ação cartográfica como um instrumento da pedagogia crítica e a insere no cerne da luta de classes, requer um olhar atento não apenas para os produtos desta ação, mas também para os processos e indivíduos aí envolvidos; o que é objeto de reflexão do nono ensaio que compõe essa obra: *co-cartografar*.

Assenhorar-se desses processos não é apenas questionar os regimes de visibilidade dominantes, interpondo outros modos de ver e de produção cartográficos, mas instituir novos processos de

assujeitamento e, como não poderia deixar de ser, de autorreflexão sobre tais dispositivos. O que abre todo um campo de discussão sobre os processos participativos, suas capacidades e limites de contribuição para o processo de emancipação social.

Em um momento em que a participação e a retórica do “co” (colaboração, coletividade, comum etc.) se tornam etiquetas valiosas para a legitimação das lógicas sistêmicas, cartografar aquelas práticas que ousam figurar uma nova territorialidade onde sujeitos, instituições e relações sociais possam se (re)posicionar é uma ação política da maior importância. Em seu livro, Sperling nos dá pistas de onde garimpar:

Algumas frentes dentro desse campo nos interessa destacar, usando como recurso a discussão de casos que são emblemáticos: a co-cartografia pela luta por direitos em projetos que articulam povos tradicionais e universidades; a co-cartografia pela luta por direitos e pela visibilidade de comunidades marginalizadas como temas de projetos culturais ativistas; e a co-cartografia pela visibilização de comuns urbanos por meio de interfaces digitais. (Sperling, 2025, p. 252)

O perigo, diria Jameson, e reconhece Sperling (2025, p. 263), é que tais práticas, comprometidas com o movimento antissistêmico, se situam, até o momento, na ordem da micropolítica. Se, e essa é uma vantagem a ser explorada, “são laboratoriais, em certo sentido, permitindo que a cada passo sejam avaliadas e se avance ou se retroceda” (2025, p. 264), não podem prescindir, sob o risco de se tornarem inofensivas ou, no limite, reformistas, de uma visão precisa das estruturas materiais da sociedade, da lógica de seu funcionamento, da reconstituição da totalidade a partir da afirmação aparente, da autonomia absoluta dos fragmentos e da irreduzibilidade dos variados anseios populares. De uma teoria da mudança social que situe os processos cartográficos críticos entre suas táticas e estratégias. Mais do que uma bússola a indicar uma direção, o mapeamento proposto pelo livro do professor David Sperling é um convite à reflexão e ação compromissadas.

Referências

Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo?* Argos.

Barros, L. P. & Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Kastrup & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-Intervenção e a produção de subjetividade*. Sulina.

Jameson, F. (1984). Periodizing the 60s. *Social Text*, (9/10), 178–209. <https://doi.org/10.2307/466541>. Recuperado em 31/01/2026.

Jameson, F. (1998). Cognitive Mapping. C. Nelson & L. Grossberg (Eds.), *Marxism & the Interpretation of Culture*. U. of Illinois Press.

Sperling, D. (2025). *Cartografias críticas: ensaios tecnopolíticos e geopoéticos*. Rio Books.

arte
: lugar
: cidade